De volta à Estação Europa: relatos de viagem e mudança em Alceu Amoroso Lima

Marcelo Timotheo da Costa

Introdução

Um dos pontos mais ressaltados pelos comentadores do intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima (1893-1983) é a diversidade dos posicionamentos por ele assumidos durante sua longa militância católica.

Basicamente, duas imagens são associadas a Amoroso Lima: a primeira é a do crente reacionário, engajado no projeto de neocristandade da Igreja Católica nacional, instituição à qual aderiu em 1928, meses antes de completar 35 anos. A outra, a do fiel liberal, que, também em nome de sua fé, defende o

Nota: Este artigo é dedicado a Ricardo Benzaquen de Araújo, que foi meu orientador no mestrado e no doutorado.

Marcelo Timotheo da Costa é pesquisador e bolsista recém-doutor do CNPq e leciona no Departamento de História da UFF.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 35, janeiro-junho de 2005, p. 139-158.

aggiornamento católico e se torna um importante opositor do regime militar brasileiro.

Além dessas representações tradicionais – e quase como corolário delas–, outra afirmação foi muito difundida nos estudos sobre Amoroso Lima: a de que a mudança de um registro eclesiológico a outro, operada pelo autor em questão, iniciou-se em meados dos anos 1940, ganhando força a partir do início da década de 1950.

Porém, a transformação que Alceu experimentou não é descrita em maior detalhe por seus biógrafos. Tal silêncio parece tudo remeter à diacronia: os câmbios amorosianos seriam explicáveis pela passagem do tempo. Olhar providencial reproduzido em algumas ocasiões pelo próprio Alceu. "O mundo mudou e mudei eu também", ele declara em famosa entrevista ao programa *Canal Livre*, no início dos anos 1980.[1]

Em trabalho de maior fôlego que este artigo, procurei, com base na produção desse intelectual, lançar luz sobre seu processo de mudança, situando-o, sim, entre os anos 1940 e 50, mas retratando o movimento amorosiano como paulatino, não linear e por vezes contraditório. Tentei igualmente demonstrar como Amoroso Lima buscou controlar tais transformações – que, acontecidas na esfera privada, refletiam-se no mundo da experiência, em sua obra e atuação pública.[2]

Aqui, valendo-me da temática proposta pelos editores de *Estudos Históricos*, retomo, resumo e reelaboro parte de meu argumento. Escolhendo uma obra específica de Amoroso Lima, *Europa de hoje*, editada pela primeira vez em 1951, discuto como ele, ao mesmo tempo que construía o relato de uma viagem particular, fornecia elementos para que se pensasse seu itinerário maior, assinalando mudanças incorporadas e dificuldades enfrentadas no caminho.

2. O viajante e sua circunstância

Mesmo que soe desnecessário, antes de focalizar *Europa de hoje*, apresento alguns dados biográficos de Amoroso Lima, enfatizando pontos importantes para a atual análise. Nascido no Rio de Janeiro, em família abastada, filho de industrial, Alceu teve educação esmerada desde a infância. O que, no início do século XX, quando começou a ser introduzido no mundo das letras, significava estar atento ao que nos chegava da Europa e, sobretudo, da França. Ou, como foi o caso de nosso autor, *estar* em França sempre que possível.

Em 1900, por ocasião da Exposição Universal, Alceu foi passar um ano em Paris com os pais. Ali, foi alfabetizado em francês, começando um estreito vínculo com a língua e a cultura francesas, o qual manteria por toda a vida.[3] Ain-

da em fase de formação, Amoroso Lima teve outras três temporadas européias, sempre com especial destaque para a visitação a terras francesas: em 1909, logo após matricular-se na Faculdade de Direito; entre dezembro de 1912 e junho de 1913, quando freqüentou o curso de Henri Bergson no *Collège de France*; e, entre dezembro de 1913 e agosto de 1914, quando testemunhou, em Paris, a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Alceu somente retornou à Europa cinco anos após o término da outra Grande Guerra (1939-1945). A conjuntura mudara significativamente. No novo cenário global, as nações européias – a maior parte delas em escombros ao final do conflito – tinham um papel de menor importância. Surgia o mundo bipolar, dividido entre sistemas capitalista e comunista, cujos centros de decisão estavam respectivamente nos Estados Unidos e na então União Soviética.

E se o mundo cambiara tanto em poucas décadas, o próprio Amoroso Lima conhecera transformação substancial no mesmo intervalo – isto é, entre a sua quarta (1913-4) e a quinta jornadas européias (1950).

Como adiantei, ele se convertera, já adulto, ao catolicismo romano. Para tanto, contribuiu o diálogo epistolar que manteve, por alguns anos, com Jackson de Figueiredo (também um convertido).[4] Essa escolha, de âmbito privado, se refletiu na esfera pública. Ao realizar sua profissão de fé, Alceu se uniu ao projeto de neocristandade da hierarquia católica nacional – movimento deflagrado em 1916 por conhecida Carta Pastoral de D. Sebastião Leme, então arcebispo de Olinda e Recife. Projeto que, mais do que apenas reagir à vida moderna e ao mundo, tentava cristianizá-los, marcando ostensivamente a presença da Igreja em múltiplos setores da sociedade. Entre outros, eram visados, através de pastorais específicas, operariado, classes médias, estudantes universitários e secundaristas. Enfatizou-se também a aproximação entre Igreja e Estado, oficialmente laico desde 1889, e a defesa de idéias católicas junto a várias agremiações políticas.

O neoconverso fez-se cruzado: meses depois de abraçar a fé, Amoroso Lima substituiu Jackson de Figueiredo (falecido repentinamente) na liderança do laicato brasileiro. Tornou-se, com as bênçãos de D. Leme, já arcebispo do Rio de Janeiro, líder leigo de projeção nacional. Acumulou as direções do Centro D. Vital e da revista *A Ordem*, vacantes devido à morte de Jackson; ajudou na criação do Instituto Católico de Estudos Superiores (futura PUC-Rio); fundou e presidiu a Liga Eleitoral Católica, dirigindo também a Junta Nacional da Ação Católica; foi reitor interino da Universidade do Brasil, tendo se empenhado em impedir que professores considerados esquerdistas nela atuassem.[5]

E, sobretudo, escreveu. Dez anos após a conversão, lançara mais de 20 obras.[6] Em suma: uma vez convertido, Alceu logo procurou fazer com que sua fé

transparecesse em seus escritos – mais que isso, o credo assumido parece transbordar os textos, de autoria inequivocamente católica.

Amoroso Lima torna-se então figura referencial. Sua militância é apresentada como exemplar pela hierarquia. A visão de um século condenável e condenado por ser dessacralizado só confirma o papel paradigmático desempenhado por Amoroso Lima (e dele esperado pela Igreja). Bom exemplo é a homenagem prestada a Alceu, em dezembro de 1943, quando este completa cinqüenta anos, no livro *Testemunho* (1944), organizado pelo pe. Leovigildo Franca com entusiástico apoio de parte significativa do episcopado nacional. Ali, Amoroso Lima é apresentado como um "campeão da Fé", alguém que, obediente às diretrizes eclesiais, está sempre pronto para defender a Igreja e suas causas.

Contudo, à época da publicação de *Testemunho*, Alceu já vinha gradualmente se desvinculando da imagem de leigo exemplar que construíra desde 1928. Como afirmei acima, tratou-se de caminhada lenta, em determinadas ocasiões ziguezagueante, onde se mesclaram continuidades e rupturas. Nela, Amoroso Lima vai se desligando publicamente do modelo de neocristandade que abraçara com tanto empenho, para adotar novo registro eclesiológico, mais progressista. Ou seja: ele permanece no rebanho católico, mudando, todavia, sua forma de conceber a fé e suas conseqüências para o homem na sociedade moderna.

Reposicionamento tributário de ventos renovadores que chegam da França, onde intelectuais católicos como Jacques Maritain, Georges Bernanos, Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin e Yves-Marie Congar, já na década de 1930, criticam o modelo romanizante e cruzadista da Igreja. É de Congar o texto *Dieu, est-Il à droite?* (1936), recorrentemente citado por Alceu como responsável pelo início de sua mudança de registro eclesial.

Esse reposicionamento ecoa no campo político interno. Em janeiro de 1945, Amoroso Lima participa, em São Paulo, do I Congresso Brasileiro de Escritores, que pede a redemocratização do país. E, em 1946, quando se debate a nova Constituição para o Brasil, ao advogar o valor da democracia liberal, surpreende muitos de seus irmãos de fé, combatendo a proposta de tornar ilegais as atividades do Partido Comunista.[7] Distancia-se, portanto, do líder católico que, em junho de 1935, escrevera ao ministro da Educação, Gustavo Capanema, para relatar sua inquietude devido "[a]os progressos recentes da Aliança Nacional Libertadora", solicitando "do governo uma atitude mais enérgica de repressão ao Comunismo" (Arquivo Gustavo Capanema, CPDOC/FGV, GC/LIMA, A.P.I.-16).

Novas posturas, problemas inéditos. Ao abandonar convicções próprias da neocristandade, Alceu despertou críticas nos meios católicos. Num exemplo revelador, seu posicionamento político mais pluralista foi classificado por um professor universitário gaúcho de prejudicial "aos supremos interesses da Igreja

no Brasil" (Soares, 1948: 303). Em resumo: Alceu passou de fiel exemplar a alguém visto como capaz de solapar as posições eclesiásticas.

Situação impensável pouco antes. E Alceu já não contava com importantes defensores. Quando sua transformação e os problemas decorrentes dela foram se tornando mais nítidos, aliados como o cardeal Leme e o pe. Leonel Franca, diretor espiritual de Alceu desde a conversão, estavam mortos.[8] Isolamento pessoal e institucional agravado porque em D. Jaime Câmara, novo arcebispo carioca, Amoroso Lima encontrará mais um opositor que um interlocutor.

E Alceu movia-se, unindo transformação e risco. Nesse contexto, sua volta à Europa – a primeira em tantos anos e também a primeira depois de sua conversão – deve ser pensada.

3. Europa de hoje: buscando o norte magnético

3.1. A motivação

Em fins de 1949, após 36 anos de ausência, Alceu, acompanhado da esposa e de uma de suas filhas, Lia, embarca rumo à Europa. Ele invoca um "tríplice motivo" para a viagem, apresentada "como uma peregrinação religiosa, como uma exigência intelectual e como uma visitação piedosa à terra de meu próprio sangue" (Amoroso Lima, 1951: 16).

Mais precisamente, Amoroso Lima tenciona visitar Roma, em virtude do Ano Santo a ser celebrado em 1950;[9] rever Paris e, de modo especial, a *Sorbonne*, onde ensinara Tomás de Aquino; e conhecer a terra dos ancestrais, Portugal. Trata-se, pois, de atender demandas diversas: aquelas ditadas pelo seu catolicismo, pela paixão tomista e por motivos familiares.

Trinca de objetivos complementares, mas desiguais. A idéia de peregrinação, prevalente, organiza o roteiro. A viagem é pensada em termos hierárquicos claros, expressos no direcionamento do trajeto: Alceu desembarca em Portugal, segue para a França e, por fim, alcança a Itália. É a intenção peregrina que gradua e ordena o deslocar-se. Alceu é bastante enfático a esse respeito: "Visitar o túmulo do Apóstolo era, creio eu, a expressão que empregavam os peregrinos medievais que iam a Roma. Também vou, *antes de tudo*, como peregrino" (Amoroso Lima, 1951: 31, grifo meu).

Recorrendo ao universo cristão, ao vocabulário das vias-sacras, pode-se dizer que as primeiras "estações" preparam a etapa final do deslocamento. A passagem por terras portuguesas e francesas habilita o fiel para a chegada a Roma.

Na sede universal da Igreja Católica – e das festividades daquele Ano Santo –, a viagem deverá atingir seu ápice. Interpretação confirmada por um incisivo Alceu: para ele, a Cidade Eterna é o "centro do mundo" (Amoroso Lima, 1951: 117).

3.2. Abandonando a via dolorosa: de Agostinho a Francisco

O projeto de Amoroso Lima se insere em quadro bem definido. No cristianismo, as peregrinações são tradicionalmente concebidas como jornadas penitenciais, em que o crente busca reproduzir o caminho de Jesus na terra. Assim, os fiéis se inspiram no trajeto de seu Deus que, feito homem (e portanto humilhando-se), foi desprezado e encontrou morte trágica, antes de ser glorificado no Céu (Auerbach, 1993: 41).

Nesse enfoque, que deita raízes na religiosidade medieval, peregrinar pressupõe despojamento prévio, sendo, pois, um exercício de purificação pessoal (Balard, 1994: 232). Via dolorosa que, uma vez cumprida, elevaria a alma do fiel. Na discursiva cristã, aqui muito influenciada por Agostinho de Hipona, peregrinar seria ascender (arduamente) ao Paraíso.

Estando clara a intenção piedosa de Amoroso Lima para sua temporada no Velho Continente, o relato de *Europa de hoje* surpreende. Nele, muitas vezes, o Alceu peregrino *parece* se ofuscar. Em várias ocasiões, o viajante estaria algo distanciado do ideal original. Pensada como uma romaria a ser pautada – ao menos em tese – pela renúncia aos prazeres mundanos e pela idéia de expiação dos pecados durante o trajeto, a viagem de Alceu se mostra, inesperadamente, alegre e jovial.

Um feliz reencontro entre Amoroso Lima e sua antiga musa, a Europa. Continente que ainda exercia sobre Alceu, já homem maduro, forte atração. Nas páginas iniciais de *Europa de hoje*, Amoroso Lima se declara "fiel às minhas velhas seduções européias" (Amoroso Lima, 1951: 20). E, de fato, a caminhada de Alceu na Europa se revela, sobretudo, celebrativa.

Ocorre, pois, uma mudança de ênfase no deslocamento – o tom doloroso substituído pelo gozoso –, mas não há abandono do ideal peregrino. Creio que Alceu não abdicou de seus primeiros planos. Sem se prender aos moldes clássicos das peregrinações, procurou conferir à viagem um inequívoco tom religioso. De outra forma: não houve afastamento do móvel religioso; ocorreu, isto sim, uma alteração no registro da romaria. Em vez de marcada pelo agostianismo, sua peregrinação calcou-se no legado espiritual de Francisco de Assis, numa teologia da alegria. Câmbio que é ilustrado a seguir, em breve exposição da trilha de Amoroso Lima na Europa.

3.3. Caminhando com Alceu

Ao pisar solo europeu, como já adiantei acima, Alceu se entrega a atividades pouco comuns às romarias tradicionais. Sua movimentação é desenvolta, plena de júbilo. Amoroso Lima está entre os seus.

A cultura européia o seduz e conduz: Alceu vai à Academia, assiste a aulas de Étienne Gilson e Louis Lavelle. Ainda na França, entrevista intelectuais do porte de Gabriel Marcel, Paul Claudel e Emmanuel Mounier. Na Itália, vai ter com Giovanni Papini e D. Luigi Sturzo.

Há ainda o teatro, "elemento essencial da vida francesa" (Amoroso Lima, 1951: 145): em Paris, Alceu prestigia as peças de Gabriel Marcel, Albert Camus e Paul Claudel. E realiza o que chama de "incomparável cura de música" (Amoroso Lima, 1951: 156), comparecendo a audições no Conservatório.

Programas mais singelos também têm seu lugar: Alceu delicia-se com as ruelas íngremes e estreitas da Lisboa do século XVIII. Na Itália, maravilha-se com Florença, "a mais bela expressão do Renascimento" (Amoroso Lima, 1951: 241), conhece as ruínas de Ostia, percorre as praças romanas como *Montecitorio*, *Venezia*, *di Spagna*, *Navona*, e, claro, São Pedro. As fontes, existentes "para puro regalo dos olhos" (Amoroso Lima, 1951: 267), também são visitadas. É, diz Alceu, no frescor das *fontane* que Roma guarda sua alegria. O seguinte trecho é revelador:

> É preciso ter boa resistência para ver Roma em pouco tempo (...). Não *para ter visto*, mas para ver, para deixar que as menores coisas possam *viver* o seu mistério e criar em nós, em poucos dias, uma rede de sedução de que jamais poderemos nos libertar. Felizmente há o vinho Frascatti, os crepúsculos que não acabam mais e a água das fontes. (Amoroso Lima, 1951: 277, grifos do autor)

A referência aos prazeres do vinho não cabe nos padrões peregrinos mais ortodoxos. Mas ela ilustra a prevalência do tom festivo em *Europa de hoje*. Cunho celebrativo, que encontraria amparo na tradição cristã através de uma especial apropriação da teologia franciscana. Alceu, desde antes da sua conversão, admirava o santo de Assis (em 1927, dedicara a ele um artigo). Nele, identificava o jogral de Deus.[10]

Assim, creio que Alceu, inspirado em Francisco, pôde agregar jovialidade à sua intenção peregrina. Lembre-se a reabilitação da matéria operada pela pregação das ordens mendicantes no final da Idade Média: o século não é mais interpretado, numa chave agostiniana, como decaído.[11] Ao contrário, o mundo é visto, pela ótica franciscana, como local de difusão da sacralidade, de atuação da Graça. Nas palavras de famoso medievalista, "Francisco proclama,

sem qualquer panteísmo, nem o mais longínquo, a presença divina em todas as criaturas" (Le Goff, 2001 : 38).

Enfim, para o viajante daquele Ano Jubilar, *não só Paris é uma festa, a Europa toda o é*, permitindo ao fiel caminhar entre os homens na terra – e ascender aos Céus – com alegria. A peregrinação de Amoroso Lima pelo Velho Continente cambia de registro. Transforma-se em festa visceralmente cristã.

3.4. Em tudo, peregrinar

Para desenvolver o próximo ponto, retorno ao "tríplice motivo" alegado por Alceu para voltar à Europa: acessar suas raízes lusitanas; revisitar a cultura européia, tão bem representada pela *Sorbonne*; e conhecer Roma, o coração da Cristandade. Como já foi dito, é esta última etapa que dá sentido maior à viagem, garantindo seu caráter peregrino. Há mais.

Não apenas a derradeira etapa romana faz da viagem uma peregrinação. Penso que Amoroso Lima "cristianizou" toda sua estada européia. Através de mais uma particular leitura de fé, ele conferiu sentido cristão às etapas anteriores, portuguesa e francesa. Na viagem reportada em *Europa de hoje*, para Alceu, tudo se torna peregrinação.

É comum nas romarias que o trajeto, até o destino final, seja pontuado por visitas a outros locais sagrados. O caso de Amoroso Lima não é diferente: se todos os caminhos levam a Roma, ele chega à Cidade dos Papas após passar "pelos lugares europeus (...) santificados pelos apóstolos da Verdade perene" (Amoroso Lima, 1951: 224).

Alceu se refere a várias escalas que realiza naqueles quatro meses. Vai aos famosos santuários marianos de Fátima (onde deplora a exploração salazarista da devoção popular) e Lourdes. Sobe a *Sainte Baume*, montanha em Marselha onde Maria Madalena teria passado seus últimos 30 anos de vida em contemplação. Em Assis, visita os túmulos de Francisco e Clara.

Tais paradas ou "estações" são importantes, pois preparam os fiéis para o objetivo final, auge do deslocamento. Mas elas fazem parte da dinâmica peregrina tradicional. Ao propor que Alceu "cristianizou" toda a viagem, não é somente esse caminhar segmentado em estações que quero destacar. Trata-se, isso sim, de frisar característica bem própria à fé amorosiana *que permitiu a Alceu sacralizar todo o percurso*, dando também significado cristão aos dois objetivos aparentemente "laicos" de sua ida à Europa, cumpridos em Portugal e França.

Naquele país, Amoroso Lima procura reencontrar os valores (tradicionais, formadores de sua própria personalidade) que enxerga em seus ancestrais: uma combinação de cordialidade, fé e bom gosto. Trinca esta que Alceu tenciona contatar especialmente em Ponte de Lima. Na aldeia de seus avós, irá

beber do rio Lima – *Letes* para os conquistadores romanos, que creditavam às suas águas, tal como no *Letes* grego, o poder de desmemoriar os que delas bebessem.

Mas Alceu, contrariamente, ao "mergulh[ar] as mãos, junto ao trecho autenticamente *romano* da velha ponte, nas águas frígidas do (...) rio, límpidas e transparentes como jamais vi[ra] outras semelhantes, quando as beb[eu] com avidez, aos olhos espantados dos lavradores que chegavam para a feira", tencionava fazer do Lima um "anti-Letes" (Amoroso Lima, 1951: 90, grifo do autor). Em vez do esquecimento, pretendeu reacender nele os "traços indeléveis que nos ligam a Portugal", traços baseados nos valores tradicionais já citados (Amoroso Lima, 1951: 85).

Alceu se reporta à sua infância, ao encantamento provocado pelo testemunho de Joaquim Nabuco sobre o mesmo rio Lima: "(...) ouço [as palavras de Nabuco] desde menino, [elas eram] invocadas em nossa casa, como qualquer coisa de lustral e de sagrado" (Amoroso Lima, 1951: 84).

A partir daí, conhecer a aldeia dos antepassados, imergir as mãos nas águas do Lima, são desejos que assumem uma aura de sacralidade para Alceu. Ele assinala a importância do ocorrido em Ponte de Lima: "(...) senti que (...) se traçava uma linha divisória na vida de alguém" (Amoroso Lima, 1951: 88). Por tudo isso, ao deixar local tão especial, é um viajante emocionado que afirma: "(...) ia tranqüilo, com a consciência de um voto cumprido, levando, *como todo peregrino*, muito mais do que para ali trouxera" (Amoroso Lima, 1951: 90, grifo meu).

A expressão "voto cumprido" é reveladora: Alceu associa a viagem a Portugal e, especialmente, a Ponte de Lima (e a revitalização em si das virtudes lusas importantes para sua formação) a uma espécie de juramento interior. *Missão* – vocábulo tão presente na discursiva religiosa – a ser realizada. *Pode-se dizer que Amoroso Lima soleniza e eleva a primeira etapa da viagem: ela se transforma em peregrinação.*

O movimento de transfigurar em peregrinação um objetivo em princípio não confessional será repetido na França, país ao qual Alceu ligava o que possuía de mais "íntimo e profundo" (Amoroso Lima, 1951: 112). Seu já aludido entusiasmo pela cultura francesa é definido em *Europa de hoje* como "velha fibra, há tantos anos alimentada, desde o colégio (...) e que tanto faz parte da nossa natureza" (Amoroso Lima, 1951: 113).

Decorre daí Alceu classificar seu retorno à França como uma "exigência intelectual", conforme citei anteriormente. Todo um programa de ilustração o aguarda nesse país: entrevistas com expoentes da cultura francesa, idas ao teatro e espetáculos de música erudita, cursos no *Collège de France*.

Alceu se aproxima, assim, de outro modelo de viagem – diferente da peregrinação, mas também tradicional: o *grand tour*, tributário da tradição clássica de estudo. Nele, o objetivo é pedagógico, crescer em erudição, a partir do mundo e dentro dele. Deseja-se forjar um quadro abrangente da realidade, anseio próprio da epistemologia iluminista e do ritual social contemporâneo ao *grand tour*.[12]

Mas, quando o viajante é Amoroso Lima, o significado deste périplo intelectual é ainda mais amplo. É, sobretudo, um cristão que se ilustra.

Ao longo de quatro meses, Alceu esteve em várias universidades européias: a *Sorbonne* parisiense – onde lecionara Tomás de Aquino e ponto alto da viagem sob aspecto pedagógico –, Bordeaux, Toulouse, Montpellier e, fora do território francês, Coimbra, Salamanca, Gênova e Roma. Logo na introdução de seu relato de viagem, ele admite: "Foi todo esse conjunto de centros de cultura européia que deu o segundo sentido a essa bela aventura (...) somou-se assim, ao mistério da peregrinação mística, a lição de sabedoria intelectual" (Amoroso Lima, 1951: 17-18).

Se tal "segundo sentido" não pode ser confundido com a "peregrinação mística", também ele está mediado pela religiosidade de Alceu. Constatando o saber produzido em Paris, ele chega a definir a capital francesa como "lago sagrado" onde valeria o mergulho (Amoroso Lima, 1951: 167). Na Cidade Luz, para Amoroso Lima (1951: 168), "há de tudo, o pior e o melhor do mundo, mas [é um local] onde quem ama realmente a Verdade e a Beleza sabe encontrar o que precisa para ainda mais amá-la e servi-la".

Conclui-se que Alceu "cristianizou" o *grand tour*, dando à viagem pedagógica contornos de missão. Pretendia de modo cristão amar e servir a sua Verdade, ilustrando-se no século reabilitado. Ação amparada pelo tomismo de Amoroso Lima. Lembre-se que, para Tomás de Aquino, todo assunto de interesse do homem pode ser matéria de reflexão teológica (cf. Muñoz, 1989: 17).

3.5. A bússola: em busca do norte

Tentei demonstrar que, mesmo nas duas etapas anteriores à italiana (esta mais propriamente confessional), Alceu moldou as procuras de si próprio e de ilustração, dando-lhes feições de peregrinação. Assim, todo o percurso poderia ser lido como uma romaria onde, franciscanamente, predominou o registro festivo, aliando-se religiosidade e inserção no século.

Friso essa característica de *Europa de hoje*. Ao longo da obra, Alceu expõe para seu público a possibilidade de se unir catolicismo e modernidade. Operação relacionada à mudança que vivenciava. Ofuscava-se o fiel da neocristandade, impelido a enxergar nos tempos modernos apenas condenações e apelos para a con-

quista em cruzada. Redefinindo sua eclesiologia, Amoroso Lima dirigia ao século um olhar mais pluralista. Processo de mudança – já enunciado em linhas gerais na segunda seção deste texto – que exigia orientação e controle.

Este é o último ponto da presente análise. *Europa de hoje* também revela uma demanda de disciplina e norteamento. Algo que Alceu vai buscar no Velho Continente, mais exatamente em Roma. Como ele escreve:

> Há muito (...) me preparava para ir a Roma, não apenas como turista ou esteta (...) mas ir a uma Roma viva, beijar a mão de meu pai muito vivo, cuja palavra seguimos religiosamente e cujo ensinamento continua a ser, como o de seus predecessores, até São Pedro, o fio mais seguro para não nos perdermos no cipoal do mundo. (Amoroso Lima, 1951: 299)

Amoroso Lima *relaciona o ato de peregrinar ao recebimento de orientação.* Aconselhamento precioso e especial posto que vindo do sucessor de Pedro. Ensinamento útil para os homens, viajantes no tempo e no século, que correm o risco de se perder "no cipoal do mundo". Portanto, indo além do conhecido ditado popular, Amoroso Lima vai a Roma *ver e ouvir* o papa. Tenciona "pedir-lhe conselho para a viagem de cada dia, para a difícil travessia dos mares em que navegamos nesse século sombrio e ameaçador" (Amoroso Lima, 1951: 299).

Resumindo: segundo Alceu, *peregrinar é também orientar-se*. Afinal, o romeiro de 1950 era um fiel que deixava as certezas do neoconverso e que – algo antes inaudito – sofria severas críticas de irmãos da mesma fé, seja por seu entusiasmo pela "Nova Teologia" francesa, seja por sua postura política mais liberal. O Alceu peregrino é, pois, um católico em movimento, em tempos de rápidas transformações.[13] E que, como tal, ansiava por orientação especializada. Revelador é o recurso ao papa, de quem diz esperar seguras diretivas espirituais.

Tudo isso contribui para complementar a abordagem de *Europa de hoje*, analisando-a como *relato de viagem onde convergiriam fé e anseio de orientação.* Peregrinação e direção espiritual para o crente que deseja seguir adiante, de forma cristã, nos turbulentos tempos modernos.[14]

Mais acima, procurei demonstrar como Alceu "sacralizou" todo seu trajeto europeu, fazendo o ideal peregrino (primariamente remetido à etapa italiana, concentrando-se no seu final, em Roma) tomar todo o percurso. Agora, ressalto uma demanda particular no viajante, um fiel reformulando seu catolicismo. Tarefa delicada, que necessitava de orientação. Direção que Alceu vai buscar na Europa.

E o movimento se repete. À semelhança do roteiro peregrino clássico, Roma é o ponto culminante. O Vaticano funciona como o norte magnético de Amoroso Lima. Lá, ele pretende encontrar o papa, obter audiência privada com

Pio XII, honra concedida a poucos, para, sintomaticamente, "abrir o coração, fonte de tantas angústias" (Amoroso Lima, 1951: 303). Também sob esse aspecto, a caminhada intermediária se mostra importante; Alceu está atento às estações anteriores à romana.

Refiro-me ao trecho percorrido na França. Ali, ele constata grande efervescência religiosa, aliada a práticas de apostolado revolucionárias para a época. Inovações aprovadas pela hierarquia francesa, vista por Amoroso Lima como a mais avançada do mundo (cf. Amoroso Lima, 1951: 127-130). Realidade diversa da brasileira e que, portanto, precisa ser conhecida. O recado de *Europa de hoje* é direto: "(...) encontrei (...) um espírito de renovação e de audácia criadora, absolutamente 'catastrófica', para os temores e as prudências dos nossos meios católicos sul-americanos, em geral conservadores e reacionários, da velha escola" (Amoroso Lima, 1951: 131).

Alceu diz presenciar uma "revolução invisível" (Amoroso Lima, 1951: 131). Mas o entusiasmo do autor de *Europa de hoje*, esse é bastante visível. Ele se lança a campo, buscando melhor entender o admirável mundo novo do catolicismo francês. Quer orientar-se, peregrinando. Imbuído desse espírito, Alceu vai conhecer a experiência, então recentíssima, dos *prêtres ouvriers* e a Escola de Teologia do Saulchoir, dirigida por dominicanos.

Os *prêtres ouvriers*, uma tentativa de aproximar o operariado da Igreja, protagonizaram a mais ousada proposta católica francesa de então. Proposta que despertou enormes resistências e seria condenada em meados dos anos 1950 pelo Vaticano que, com o acirramento das tensões decorrentes da bipolarização mundial, considerou pernicioso o contato entre católicos e sindicalistas ligados ao Partido Comunista.[15]

Alceu informa que, em 1950, havia pouco mais de 20 padres operários na Arquidiocese de Paris. Ele vai se avistar com o *Abbé* Despierre, talvez o mais famoso deles, que habitava em Montreuil, nos arredores da capital francesa. Essa visita compreende participação na missa, debate e jantar compartilhado. O ambiente impressiona fortemente o viajante, refletindo-se no teor do seu discurso. Alceu diz ter se sentido "em plena comunidade cristã primitiva (...). Estamos realmente nas catacumbas de Paris" (Amoroso Lima, 1951: 132 e 134).

A recordação dos primeiros grupos cristãos – cujo papel paradigmático é expresso no cânon da Igreja – e a menção às catacumbas não deixam margem a qualquer dúvida: Alceu aprova o que viu com entusiasmo.[16] Tal estado de espírito o faz recorrer a uma outra imagem – das mais caras aos crentes: a singeleza da comunidade de Montreuil é comparada àquela da Gruta de Belém (Amoroso Lima, 1951: 134).

No futuro, embora vá consolidar um posicionamento mais progressista no seio da Igreja, Alceu será menos animado quanto ao apostolado dos padres

operários. Paradoxo que não anula o que se quer frisar aqui: a idéia de um fiel que se abre para o novo, estando disposto a conhecer e considerar formas novas de viver no século à luz da fé. Abertura que é confirmada pela ida de Amoroso Lima ao Seminário do Saulchoir.

A presença de Alceu entre os dominicanos do Saulchoir guarda especial significação para demonstrar que ele mesclou peregrinação e direcionamento espiritual na Europa de 1950. Afinal, a referida Escola de Teologia rivalizava com os padres operários quando se tratava de provocar a ira de católicos mais tradicionais. E Alceu quis, no bojo de sua romaria, conhecer tal centro. Enfim, peregrinar ao Saulchoir.

Nesse local, entre 1920 e 1942, lecionou história das doutrinas cristãs o teólogo Marie-Dominique Chenu, regente da mesma Escola por dez anos (1932-1942). Chenu notabilizara-se pela redação de um opúsculo (*Le Saulchoir: une École de Théologie*), defendendo uma "reforma da teologia" (Gibellini, 1998: 198). Obra publicada em 1937 e incluída no *Index Librorum Prohibitorum* em 1942, sanção que também custara ao pe. Chenu a cátedra.[17]

Embora o leitor de *Europa de hoje* não seja informado dos graves problemas que afetavam o centro de formação dominicano, é muito pouco provável, quase uma década após a censura ao pe. Chenu, que Alceu os desconhecesse. Amoroso Lima era próximo demais do catolicismo francês e da Ordem dos Pregadores para ignorar o que ocorria no Saulchoir. Creio que seu deslocamento até lá funcionou como uma aproximação – discreta, silenciosa – ao programa proposto por Chenu. Aliás, uma das mais célebres sentenças do texto condenado de Chenu era aquela onde se definia a Teologia como "a fé solidária com o tempo" (Gibellini, 1998: 167). Proposição coerente com o movimento amorosiano, desde a década de 1940, em direção a posicionamentos mais liberais.

Caminho que, já foi dito, Alceu iniciou quando da leitura de artigo do pe. Congar – também dominicano e igualmente professor no Saulchoir.[18] Em *Europa de hoje*, Alceu reafirma a importância do trabalho de Congar na sua trajetória: "Representou um papel decisivo no curso de minhas idéias" (Amoroso Lima, 1951: 136).

E, desta forma, Amoroso Lima reforça o vínculo entre peregrinação e busca pessoal de novos rumos na Igreja. Indo ao Saulchoir, avistando-se com Chenu e Congar, Alceu vai beber da fonte que motivou câmbios relevantes e sustentou seu percurso na orbe católica. Aqui, mais que um primeiro contato – como foi o caso dos padres operários –, há uma ratificação da trilha a ser seguida. O que, mesmo que de forma diversa da visita a Montreuil, corrobora a interpretação de um deslocamento peregrino buscando (e confirmando) o norteamento do crente.

Processo de procura e sancionamento que, à semelhança de muitas peregrinações tradicionais, culmina em Roma. Na Cidade dos Papas – ou, mais particularmente, de Eugenio Pacelli, o papa Pio XII –, Amoroso Lima planejava coroar sua caminhada européia, bem como seu exercício de direção espiritual.

Para tanto, solicitara, antes de sua partida do Rio de Janeiro, audiência privada com o pontífice. Havia, inclusive, mandado preparar edição especial de um livro seu para presenteá-lo. Mas, como a encomenda demorou a vir do Brasil, teve que adiar a renovação do pedido de audiência. Quando já tinha o livro em mãos, através da embaixada brasileira, requisitou audiência privada. Para sua decepção, foi-lhe concedida outra audiência, a especial, destinada a grupos de peregrinos selecionados. Em vez de se reunir com Eugenio Pacelli no seu gabinete de trabalho para uma conversa mais aprofundada, Alceu permaneceu com ele poucos instantes. O romeiro descreve minuciosamente a ansiosa espera e a frustração daquele encontro:

> No dia seguinte, às onze horas da manhã, atravessávamos salas e salas onde já esperavam grupos ou pessoas isoladas (...). Ficamos na terceira salinha onde os bustos em mármore de Pio X, de Leão XIII e de Pio XI (...) nos distraem o olhar enquanto contemos o nervosismo da espera. Afinal, ao fundo do corredor abre-se uma porta (...). A figura branca, alta, esguia do Papa lá está falando a pessoas na primeira sala (...). E quando a expectativa já toca o equilíbrio dos ouvidos, dois monsenhores entram, pedindo-nos que nos ajoelhemos e o Santo Padre vem, pedindo que nos levantemos. Dizem o nosso nome. Fala em português. Beijo-lhe, com o coração parado, a mão branca, translúcida (...). Sente-se em tudo o Pai, o pai com que nós nos quiséramos abrir longamente (...) o pai cuja palavra procuramos, a dez mil milhas dali [Alceu entrega o presente a Pio XII]. Mostro-lhe o livro. Percorremos juntos o índice. Explico-lhe a dedicatória filial. Falamos de D. Leme. Do Brasil (...). E com uma benção (...) segue para outra audiência (...). Em dois ou três minutos tudo se esvaiu. (Amoroso Lima, 1951: 303-04)

Amoroso Lima acusa o golpe: "A visão branca desapareceu. As palavras morreram no ar. (...). Esperar vinte anos por aquele encontro e vê-lo passar num minuto, na etiqueta de uma audiência apressada, sem saber o que dizer. (...) Saímos dali com um peso na alma" (Amoroso Lima, 1951: 304).

Alceu tenta processar o revés da maneira mais cristã possível. Em primeiro lugar, ele retorna ao mais rigoroso agostianismo, tão próprio dos modelos peregrinos clássicos. Isto é, Amoroso Lima sofre e exalta a paixão. Dor necessária para a elevação do fiel:

> (...) foi melhor assim. Pois nesse projeto entrava, sem dúvida, uma dose de vaidade ou de puro contentamento pessoal, que, assim sacrificado, como foi, será um dia, ou mesmo já é cada dia, uma dessas pequenas e grandes humilhações com que vamos demolindo aos poucos, em nós, o "homem velho". (Amoroso Lima, 1951: 301)

Alceu bebe do cálice amargo e afirma preferir assim. Celebra o triunfo do sofrimento, *gloria passionis*. A peregrinação é novamente vista como lugar, por excelência, de sacrifício. Privação necessária – mesmo comprometendo projetos muito caros, como no caso de Amoroso Lima – para quem deseja subir ao Céu.

O recurso às peregrinações tradicionais auxilia Alceu a processar o revés vivenciado. Ele perscruta o sentido da *passio vaticana*, interpretando a decepção sofrida à luz de sua fé. Baseado nela, o viajante enxerga sentido maior no âmago da decepção: "A Providência não permitiu que tão ansiosa expectativa fosse coroada por uma recompensa de caráter humano. Pensando bem, tudo se passou como devia passar-se. É dessas pequeninas renúncias (...) que se faz a nossa decantação interior" (Amoroso Lima, 1951: 304).

Parece a retomada do elogio ao sofrer, necessário para o crescimento interior e a ascensão pessoal. Há mais: Amoroso Lima enxerga nos fatos a intervenção do Deus cristão, analisando os acontecimentos a partir de um plano providencial, finalista. Leitura de fé que remete a razões muitas vezes inantingíveis ao homem a explicação última dos eventos – que, mesmo decepcionantes à primeira vista, podem guardar surpresas positivas. Assim, a ação desse Deus misterioso conduz o crente na direção certa, ainda que impensada pelo fiel.

Tal movimento, para o autor de *Europa de hoje*, acabaria por se confirmar no resultado final de sua ida ao Vaticano. Alceu não lograra êxito com Pio XII, mas constata que "em compensação, dois ou três dias depois, a longa conversa de hora e meia, a sós com Monsenhor Montini, excedeu toda expectativa." (Amoroso Lima, 1951: 304).

Encontro merecedor de comentário. Giovanni Battista Montini ocupava posto-chave na Cúria romana, dividindo a subsecretaria de Estado com Monsenhor Domenico Tardini. Este alinhado com os conservadores, aquele com posições mais progressistas. Treze anos após o encontro com Alceu, Montini chegará ao trono de Pedro, adotando o nome de Paulo VI. Será o pontífice das segunda, terceira e quarta fases do Vaticano II e a quem caberá comandar a implementação das resoluções conciliares.

De volta a 1950: o demorado diálogo entre Amoroso Lima e Montini é importante para a presente análise. Creio que Alceu, impedido pelas circunstâncias de ir se aconselhar com Pio XII, cumprirá tal intuito com Montini. Reporto-me à entrevista concedida por Alceu vários anos depois:

> Em 1950 (...) encontrei com Monsenhor Montini na Embaixada do Brasil [em Roma]. Conversamos e ele me convidou a aparecer no Vaticano. Ele já sabia que eu pertencia à chamada ala esquerda da Igreja, que eu prefiro chamar a ala renovadora, assim como chamo a ala direita de ala conservadora, para não empregar termos tão gastos. Conversamos durante duas horas e meia no Palácio do Vaticano, no seu gabinete, e ele me pedindo para que falasse francamente – o que fiz. (Amoroso Lima, 1983: 103)[19]

Note-se a sintonia entre o progressista Montini e Alceu, auto-incluído entre os renovadores. Ambiente propício para a conversa – cuja íntegra jamais foi revelada. Porém, pelo contexto e através das informações que se tornaram públicas posteriormente, pode-se concluir que a demorada audiência confirma a idéia do peregrino que procura orientar-se. Alceu, o mais importante líder do laicato nacional, vai debater com Montini os rumos tomados pela Igreja no Brasil, e este lhe pede que fale de peito aberto.

Portanto, ao contrário da visita a Pio XII, Amoroso Lima acha um interlocutor atento e disponível, pronto a ouvir e ajudar na indicação do melhor caminho a ser seguido, para a Igreja brasileira e para o próprio Alceu. Crente e instituição que, de forma diversa, se achavam em movimento, em tempos tensos onde era gestado um modelo alternativo àquele de neocristandade que se esgotava.

A desilusão vivida por nosso autor na Santa Sé e suas conseqüências reforçam a idéia de alguém que busca orientação. A decepção vivenciada no Vaticano como que se transfigura através das idéias de surpresa e mistério. Para o crente Alceu, a amarga experiência – vista como uma lição da Providência – pôde ser transformada em motivo de elevação espiritual. Não sendo ouvido por Pio XII, o viajante estava pronto para dialogar com Montini.

Para Alceu, não se tratava mais de adquirir um rumo pela simples repetição de orientações já sabidas, cristalizadas no magistério papal. Assim, a reformulação do *self* de Amoroso Lima ganha força, renova-se, pelo inesperado contato com Montini, lido, à luz da fé, como providencial. Ao viajante fora sinalizado – pelo menos ele assim o crê – que continuasse caminhando.

4. Reescrevendo um velho adágio

Pelas razões acima dispostas, creio que *Europa de hoje* vai além do simples relato de viagem. Mais que a narração de uma viagem em particular – o que a obra primariamente é –, ela retrata movimentos importantes de outra trajetória, maior.

O leitor de *Europa de hoje* também é informado do tenso e complexo caminhar de Alceu entre os fiéis, onde nosso autor vai redefinindo sua eclesiologia e, conseqüentemente, sua atuação católica.

Jornada igualmente de reconciliação com o século que, visto sob a ótica tridentina, era lugar de tropeço. Mundo no qual é possível ao fiel caminhar *cum laetitia*, com alegria, franciscanamente.

Trajeto mais amplo, ritualizado na peregrinação concreta de Alceu naquele Ano Santo. Trajeto maior que demanda orientação e controle. Exigência que Amoroso Lima procura atender rumando para a Europa – e dirigindo-se, de modo especial, a Roma. Urbe descrita, no provérbio tão conhecido, como confluência de todas as vias.

Termino o texto lembrando de outro adágio sobre a capital italiana: "*Roma veduta, fede perduta; Roma reveduta, fede retrovata*". Na Cidade Eterna, dizem seus habitantes, pode-se perder a fé; só uma segunda vinda trará a crença de volta.

Amoroso Lima como que reescreve o adágio. No seu caso, a primeira visita confirmou a transformação na fé e no mundo da experiência.

Notas

1. Entrevista reproduzida em Amoroso Lima (1983: 385-411). Para a frase citada, cf. a página 39.

2. Cf. a tese de doutorado *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*, defendida no Departamento de História da PUC-Rio, em dezembro de 2002.

3. Alceu escrevia e falava francês como um nativo. Para o domínio da escrita, lembre-se que o livro que considerava mais importante de sua vasta bibliografia, *Idade, sexo e tempo* [1938], foi redigido no idioma de Voltaire para, num segundo momento, ser traduzido pelo próprio autor para o português (Amoroso Lima, 1973: 313). Para a língua falada, valho-me do depoimento de Paulo Evaristo Arns que, doutorando em Paris, assistiu, na Sorbonne, a uma conferência de Alceu – cuja desenvoltura oral fez colegas franceses de D. Paulo duvidarem de que o palestrante não fosse francófono de nascença (Arns, 1998).

4. Cf. todo o epistolário em *Harmonia dos contrastes*, dois tomos organizados por João Etienne Filho (Academia Brasileira de Letras, 1991-92).

5. Nos anos 1930, Alceu também se opôs às propostas pedagógicas da Escola Nova e à fundação da Universidade do Distrito Federal, idealizada por Pedro Ernesto.

6. Entre elas, *Política*, *Problema da burguesia*, *O espírito e o mundo*, *Indicações políticas* e *Idade, sexo e tempo*.

7. Cf. a "Carta aos católicos de Maceió", onde Alceu reagiu aos ataques dirigidos a ele, a Sobral Pinto e ao senador Hamilton Nogueira, por defenderem a manutenção do PCB na legalidade. Ataques que, para ele, partiam dos "reacionários de todos os matizes, inclusive os reacionários católicos que desgraçadamente não deixam de existir para advogar uma política de afastamento e de intolerância em face de todos os movimentos e elementos que são classificados sumariamente como 'de esquerda'". A "Carta aos católicos de Maceió" foi publicada, originalmente, no *Jornal de Alagoas*, em 25/04/1946, sendo reproduzida em *A Ordem* de agosto-setembro do mesmo ano.

8. D. Sebastião Leme faleceu em 1942 e o jesuíta Leonel Franca em 1948.

9. O Ano Santo cristão é inspirado no Ano Jubilar judaico, que previa o cancelamento de débitos e libertação de escravos de 49 em 49 anos. Entre os católicos, as festividades iniciaram-se em 1300, quando Bonifácio VIII instituiu o Ano Santo a ser celebrado a cada século. Já em 1343, Clemente VI alterou a sua periodicidade para cada 50 anos. Para a Igreja, é um tempo especial de perdão dos pecados e de acentuado incentivo às peregrinações a Roma. Visto com grande expectativa entre os fiéis, o Ano Santo de 1950 fez afluírem à Santa Sé cerca de três milhões de peregrinos, sendo a maioria de italianos, 570 mil europeus não italianos, 46 mil norte-americanos e 16 mil latino-americanos. Todos, segundo definição de conhecido especialista, iam participar da "maravilhosa exibição da Igreja triunfante" (cf. Hebblethwaite, 1993: 227-229). A expressão citada está na página 229.

10. Texto republicado em 1928, na segunda série dos *Estudos* de Alceu. Trabalhei com a reedição mais recente desta série de *Estudos* (2003).

11. Cf. Duby (1982: 231-241; 257-263 e 1979: 97-184).

12. Cf. Van Den Abbeele (1992).

13. Vale atentar que a própria idéia de movimento pode ser angustiante para o fiel. A Igreja tridentina se definia como "sociedade perfeita" e, por conseguinte, estática. Imobilidade também refletida na tradicional imagem do Paraíso, onde não haveria tempo nem espaço. Movimento e risco são idéias conexas.

14. Anseio reconhecido pelos organizadores do Ano Santo. O lema do Ano Jubilar era "*Il Grande Ritorno*". Daí, vem a indagação: "Mas quem estava retornando e para o quê? Os católicos estavam retornando a Roma e ao Papa, concebido como 'farol' em mares tormentosos" (Hebblethwaite, 1993: 228).

15. A decisão vaticana de retirar os padres operários das fábricas foi aplicada em maio de 1954 (cf. Gibellini, 1998: 202).

16. Quanto à referência bíblica, ver, por exemplo, At 2, 42-47.

17. Chenu seria reabilitado durante o Vaticano II, exercendo a função de perito conciliar.

18. Discípulo de Chenu, Congar também será afastado da cátedra em 1954. Tal como o mestre, aguardará os trabalhos conciliares para ser reabilitado.

19. Trecho de entrevista originalmente publicada em *O Pasquim*, em 1969. Como se pode notar, neste último texto, Amoroso Lima calcula que a conversa fora uma hora maior que o registrado em *Europa de hoje*. De qualquer modo, especialmente para os padrões vaticanos, a audiência concedida por Monsenhor Montini a Alceu foi bastante longa.

Referências bibliográficas

AMOROSO LIMA, Alceu. 1946. "Carta aos católicos de Maceió". *A Ordem*, Rio de Janeiro, s.n.

———. 1950. *Mensagem de Roma*. Rio de Janeiro, Agir.

———. 1951. *Europa de hoje*. Rio de Janeiro, Agir.

———. 1973. *Memórias improvisadas: diálogos com Cláudio Medeiros Lima*. Petrópolis, Vozes.

———. 1983. *Memorando dos 90: entrevistas e depoimentos coligidos por Francisco de Assis Barbosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

———. 2003. *Estudos* (2ª série). 3ª ed. Rio de Janeiro, Educam.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. 1987. "Fonte da juventude: observações sobre a *Europa de hoje* de Alceu Amoroso Lima". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 1987, vol. 14, n. 3.

ARNS, Paulo Evaristo. 1998. Entrevista concedida ao autor.

AUERBACH, Erich. S.d. *Literature language and its public in late Latin Antiquity and in the Middle Ages*. Princeton, Princeton University Press.

BALARD, Michel et alii. 1994. *A Idade Média no Ocidente: dos bárbaros ao Renascimento*. Lisboa, Dom Quixote.

BRUNEAU, Thomas. 1974. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo, Loyola.

CHENU, Marie-Dominique. 1985. *Une école de theológie: le Saulchoir*. Paris, Cerf.

CONGAR, Yves-Marie. 1936. "Dieu, est-Il à droite?". *La Vie Intellectuelle*, Paris, vol. 41, n. 3 e 4.

DUBY, Georges. 1979. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa, Estampa.

———. 1982. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa, Estampa.

FRANCA, Leovigildo et alii (org.). 1944. *Alceu Amoroso Lima: testemunho*. Rio de Janeiro, Lumen Christi.

GIBELLINI, Rosino. 1998. *A teologia do século XX*. São Paulo, Loyola.

HEBBLETHWAITE, Peter. 1993. *Paul VI: the first modern pope*. Nova York, Paulist Press.

HOBSBAWM, Eric. 1995. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.

MAINWARING, Scott. 1989. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo, Brasiliense.

MUÑOZ, Ronaldo. 1989. *O Deus dos cristãos*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes.

SOARES, Marino. 1948. "O sr. Tristão de Athayde, o Partido Comunista e a democracia". *Vozes de Petrópolis*, Petrópolis, s.n.

TODARO, Margaret Patrice. 1974. *Pastors, prophets and politicians: a study of Brazilian Catholic Church: 1916-1945*. Columbia, Universidade de Columbia (Tese de Doutorado).

TURNER, Victor. 1974. *Dramas, fields and metaphors: symbolic action in human society*. Ithaca, Cornell University Press.

VAN DEN ABBEELE, Georges. 1992. *Travel as metaphor: from Montaigne to Rousseau*. Mineápolis, University of Minnesota Press.

(Recebido para publicação em janeiro e aprovado em junho de 2005)

Resumo
A trajetória do intelectual brasileiro Alceu Amoroso Lima (1893-1983) foi marcada por sua transformação de registro católico, passando de um modelo tridentino, que reagia à modernidade, a outro, mais plural, em diálogo com o século. Passagem bem conhecida e, paradoxalmente, pouco trabalhada por seus biógrafos. Este texto, baseado na obra *Europa de hoje*, escrita em momento crucial para tal transformação, pretende expor como a peregrinação de Amoroso Lima à Europa, em 1950, foi importante para que ele controlasse os riscos advindos de sua mudança na forma de conceber a fé e suas conseqüências para o homem contemporâneo.
Palavras-chave: pensamento social brasileiro, intelectuais católicos, relato de viagem, Alceu Amoroso Lima, mudança e controle, Europa.

Abstract
The trajectory of the Brazilian intellectual Alceu Amoroso Lima (1893-1983) was marked by the transformation of his catholic identity – a shift that leaded him from a reactive model of faith, inspired in the decisions of the Trent Council, to a progressive and pluralistic catholic ecclesiology. This change is well known by Amoroso Lima's biographers but, paradoxically, it has not been analyzed in detail by them. The present article is based on the book *Europa de hoje*, a travel account of Amoroso Lima's 1950 European pilgrimage. It discusses how that journey helped Amoroso Lima to manage with difficulties for changing his conception of catholic faith and its consequences to the contemporary men.
Key words: Brazilian social thought, catholic intellectuals, travel account, Alceu Amoroso Lima, change and control, Europe.

Resumé
La trajectoire de l'intellectuel brésilien Alceu Amoroso Lima (1893-1983) fut marquée par son changement de registre catholique, passant du modèle tridentin qui réagissait contre la modernité à un autre, plus pluraliste, qui dialoguait avec le siècle. Ce passage est bien connu, mais paradoxalement peu étudié par ses biographes. Fondé sur l'ouvrage *Europa de hoje*, écrit par Amoroso Lima à un moment crucial d'une telle transformation, le présent article veut exposer l'importance du pélérinage en Europe, qu'il entreprît em 1950, pour contrôler les risques décourants du changement dans sa façon de concevoir la foi et ses conséquences pour l'homme contemporain.
Mots-clés: pensée sociale brésilienne, intellectuels catholiques, récits de voyages, Alceu Amoroso Lima, changement et contrôle, Europe.